

Apostas inteligentes?

Marcelo Coutinho

O conhecimento coletivo produz maravilhas, mas ocasionalmente também pode produzir desgraças. O que diferencia a “sabedoria das multidões” do “efeito manada” e de que maneiras empresas, governos e indivíduos podem se aproveitar da “verdadeira revolução” que estamos vivendo em termos de compartilhar e agregar informações? Esse é o ponto de partida de *Infotopia*, de Cass R. Sunstein, professor da Faculdade de Direito e de Ciência Política da Universidade de Chicago.

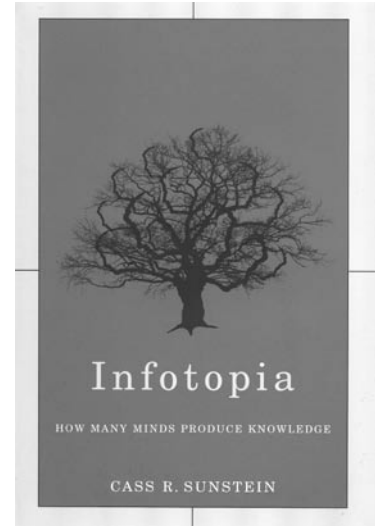
Combinando a digitalização dos mecanismos de conhecimento coletivo – notadamente blogs e wikis¹ – com as noções liberais de Friedrich Hayek² (nada surpreendente, vindo de um professor da Universidade de Chicago), Sunstein procura demonstrar como os mecanismos de agregação de informações dos mercados, notadamente o sistema de formação de preços (*prediction markets*), são menos vulneráveis a distorções que os mecanismos típicos de deliberação grupal.

Para sustentar seu ponto de vista, além de diversos exemplos, retirados de organizações como Google, Microsoft e o Departamento de Defesa dos EUA, o autor dissectiona alguns princípios clássicos de deliberação pela maioria e maneiras de agregar a informação em grandes grupos, como, por exemplo, estatística ou pesquisas. Boa parte da ênfase é posta sobre as influências informacionais e sociais que diminuem a eficiência dos mecanismos deliberativos clássicos, como os que fazem com que “escolhamos” soluções e raciocínios que reforçam nossa visão de mundo – algo que

Infotopia: how many minds produce knowledge

Cass R. Sunstein

New York: Oxford University Press, 2006, 273 p.



sempre nos conforta e agrada. Para Sunstein, essas influências estão em ação mesmo quando se trata de esferas mais restritas, como especialistas ou juizes da Suprema Corte. Um exemplo? Quando se trata do pensamento grupal, as informações que já são do conhecimento de todos tendem a ter um peso muito maior do que outras, de posse de uma ou duas pessoas e apresentadas durante uma discussão coletiva – mesmo que essa informação mais restrita seja relevante e verdadeira. Mecanismos de proteção da reputação acabam por influenciar a decisão das pessoas em apresentar novas informações que “desafiem o senso comum”. Segundo o autor, isso pode ser observado por ocasião de falhas organizacionais importantes, como as que levaram à destruição do ônibus espacial Columbia ou à alegada existência de armas de destruição em massa no Iraque.

No final das contas, um grupo não é o equivalente, em termos de capacidade e conhecimento, aos seus melhores membros (Sunstein poderia ter observado que um velho princípio da economia liberal também se aplica aqui: o de que a má moeda expulsa a moeda boa). Familiaridade com a informação exposta, sua

¹ Um wiki (palavra de origem havaiana que significa “rápido”) pode ser definido como um *website* (ou *software online*) que permite aos seus usuários adicionar e editar conteúdo coletivamente.

² Economista austríaco, vencedor do Nobel de Economia de 1974 pelo seu trabalho sobre os cálculos dos agentes de mercado e os ciclos econômicos.

importância para cada integrante do grupo, interesses difusos e a polarização resultante de compromissos emocionais com determinada linha de ação influenciam os processos grupais deliberativos. Como observa o autor, grupos são mais propensos a se comprometerem com uma linha de ação, mesmo que ela esteja falhando, que indivíduos – principalmente se os integrantes de um grupo possuem um forte senso de identificação com o coletivo do qual fazem parte. Trata-se de um comportamento com sérias conseqüências, tanto em política como no mundo dos negócios.

Uma possível maneira de diminuir as fontes de desvios nos processos grupais de agregar informação baseada na deliberação pode ser encontrada nos mecanismos de formação de preços. O autor lembra que uma simples pergunta (“quer apostar?”) é suficiente para introduzir um novo elemento no processo: o grau de confiança e comprometimento que o indivíduo possui em relação à precisão da sua informação. O sistema de preços (ou apostas) incentiva os indivíduos a apresentarem a informação que possuem, estimulando-os a capturar benefícios sobre seu conhecimento (ao invés de apenas entregar aos outros).

Para ilustrar essa premissa básica, o livro apresenta exemplos de “bolsas de apostas” – que o autor denomina *prediction markets* – utilizadas em empresas como HP, Google e Microsoft. Essas organizações possuem mecanismos onde os funcionários podem apostar em eventos que afetam o futuro da empresa, tais como lançamento de produtos, movimentos dos concorrentes etc. (“quando iremos abrir um escritório na Rússia?”; “nosso concorrente vai conseguir lançar seu produto até o final do ano?”; “qual o número de usuários nos próximos trinta dias?”). Ao colocar um “preço” na acurácia da informação (os que acertam recebem variados tipos de recompensa), essas empresas conseguiram criar um mercado de informações que, embora longe de ser perfeito (segundo o responsável pelo projeto no Google, a acurácia varia entre 70% e 80% do resultado final), é superior aos mecanismos deliberativos tradicionais.

Essa eficiência dos *prediction markets* na articulação do conhecimento desorganizado e disperso (para usar um termo do próprio Hayek) não os torna imunes ao erro. Sunstein examina as principais fontes de erro neste mecanismo de agregação do conhecimento: manipulação, “bolhas” e “comportamentos viciados” (do qual o famoso “efeito manada”, observado nas bolsas de valores, é um dos exemplos mais comuns). Examinando as diversas formas de agregação do conhecimento permitidas pela internet, com ênfase nos wikis, blogs e no *software* livre (sem dúvida nenhuma a maior prova de sucesso comercial dos *prediction markets*, segundo o autor), a obra procura demonstrar como empresas, governos e indivíduos podem se beneficiar das tecnologias digitais para avançar na direção do que ele denomina “*open source science*”, uma maneira de produção do conhecimento com profundas implicações para o futuro.

As conseqüências destas novas maneiras de articular o conhecimento coletivo ainda não estão totalmente compreendidas, e trazem em si a possibilidade do que existe de pior nos processos deliberativos grupais (“a psicologia das massas”, amplificações, polarizações etc) quanto o que existe de melhor: a possibilidade de agregação de informações e conhecimentos dispersos para produzir melhores decisões para os mercados e a democracia. Embora o veredicto final ainda esteja em aberto, Sunstein acredita que “se vamos apostar em um resultado, faz sentido apostar no otimismo”³.

Marcelo Coutinho é doutor em Sociologia (USP), professor de Pós-graduação na Faculdade Cásper Líbero e diretor-executivo do Ibope Inteligência. Foi pesquisador-visitante no Grupo de Tecnologia da Informação da Universidade Harvard (EUA).

³ A discussão das implicações de algumas conclusões do trabalho de Sunstein para a democracia deliberativa, assim como para a discussão do impacto das “virtudes privadas” sobre os “benefícios públicos” foge ao escopo desta resenha, mas certamente merece ser trabalhada no contexto de mercados informacionais bastante assimétricos, como no Brasil.